

# P O E S I A D E S C A L Ç A

Só porque um vento chamado paixão nos prometeu de ainda ser furacão. *BETO GUEDES/MÁRCIO BORGES.*

Nº 90 Ano 04 Recife, dezembro de 2004 – Distribuição gratuita

## DANDO VOLTAS PELA CIDADE

O batalhão de nuvens  
Foi danificado  
Pelas raízes do Sol.  
Vários habitantes vomitam  
Pedacos do Recife  
No leito do Capibaribe.  
Os caranguejos se nos antolham  
À beira do mangue.  
Meu carro como um sonâmbulo  
Atravessa o sinal amarelo manga.

Minha alma tem fome...

Vejo pedintes amontoados  
E se parecem ratos de Igreja.  
A cidade cresce apavorada  
Semelhante àquela criança que apanhou  
Muito do pai e sobreviveu.

A chuva fina abraçada com o verão  
Causou ontem aquele mormaço.  
Hoje, porém, o mar está azul azul  
E o tubarão percebeu quando o banhista  
Pulou dentro da sua piscina.

Em casa, a Rádio FM regurgita:  
Música diminui violência  
No Alto José do Pinho!!!

Amanhã, meu coração  
Atravessará quatro paredes  
Para enfrentar o cerco  
Das circunstâncias.

**JOCA DE OLIVEIRA**  
([ianomangue@elogica.com.br](mailto:ianomangue@elogica.com.br)) ou  
([armajebao@yahoo.com.br](mailto:armajebao@yahoo.com.br))

No pré-escolar  
Ensinaram-me usar  
Garfo e faca,  
Mas nunca me falaram  
Das crianças famintas.

**RAIMUNDO GADELHA**  
(Um estreito chamado horizonte)

Não existe livro moral ou imoral. Os livros são  
bem ou mal escritos. Eis tudo.

**OSCAR WILDE**

## SONETO ÀS MÃES

Quem acorda cedo  
Quando ainda os passarinhos  
Estão quietos nos ninhos  
Escondidos no arvoredo?

Quem vela sem medo  
Seus indefesos filhinhos  
Livrando-os dos vis caminhos  
Das farpas do mundo azedo?

Não há fadiga que a dome  
Na lida dura, disforme,  
Que é a vida. Nada a consome.

Nessa coragem enorme  
Sempre é a última que come  
E a derradeira que dorme.

**TAUMATURGO DESIDÉRIO**

Método, Método, que queres de mim? Bem sabes que comi do fruto do  
inconsciente. **JULES LAFORGUE.**  
*Moralités Légendaires*, Mercure de France, pág. 24

Da floresta  
Que flor esta  
Que flor resta?  
ARNALDO TOBIAS

## OS PÁSSAROS TRAZEM

Sabe o que os pássaros trazem  
Quando chegam em revoadas  
Nos pantanais, matos gerais dos meus brasís

Trazem tristezas no bico  
Vomitam fogo das chaminés  
E muitas dores nos seus tumores verdades gris

Ganso rechina agonizante  
Não há mais flores nem colibrís  
Estão entregues os gaviões  
Não há mais fauna no meu sertão  
Não há mais vôo nos meus brasís

Sabe o que faz ave loquaz  
Que deu de estar no meu país  
Canta premissa, mansas províncias  
Tem nada a ver

Vou desse canto tirar proveito  
Soltar meu pulso, encher meu peito  
Esse meu grito não é bonito  
Eles só querem viver.

MÚSICA: SÁVIO MENEZES  
LETRA: **WILSON VIEIRA**  
([jwvieira@br.inter.net](mailto:jwvieira@br.inter.net))

**Em breve:**  
**À FLOR DA**  
**CARNE**  
**Livro de Zé Terra**

## CANÇÃO DE NATAL

Procurou na terra  
procurou no ar  
procurou na guerra  
e não soube achar.  
Procurou no rio  
procurou no mar  
no telégrafo sem fio  
e outra vez no ar.  
Muito velho e sábio  
foi que se lembrou  
dentro dele mesmo  
nunca procurou

**CARLOS PENA**  
**FILHO (1929-1960)**

Vagando pelos campos  
De sua infância eterna  
O poeta solitário  
Nada quer esquecer.

**JEAN FOLLAIN**

## COLÍRIO DA VIDA DIÁRIA

Toda vez que eu acordo vou bater com todo afinco na janela dos sonhos  
Para lhe dar um recado: adeus, por hoje. Por favor, amanhã volte de novo...

...Todos os dias pernoito enriquecido, em sonhos.  
Durante a noite arquiteto os melhores projetos do mundo: ser SER.  
Mas, amanhã miseravelmente pobre e montado no esqueleto  
Da realidade concreta.

E se não fosse o poder ilusório e energético do sonho?  
Minha existência teria se ido no primeiro amanhecer.

**ANTÔNIO MANOEL DA ROCHA**  
(Jornalista, poeta e um dos primeiros editores do Poesia Descalça)

## O SOM E A TERNURA

Em tua voz escuto melhor o meu nome.  
A suavidade com que dizes  
o que tu queres,  
é doce e agradável como a tua boca.  
Tuas palavras são beijos.  
Teu pensamento é desejo.  
E mesmo que nada fales,  
sinto que te conheço a nua intimidade,  
com a certeza da luz  
que a tua voz revelará.

**JUHAREIZ CORREYA.**



\*Somos simples torcedores. Desconhecemos o conteúdo que regulamenta o Campeonato Nacional da Série A e o instrumento legal que organiza os julgamentos do Tribunal de Justiça Desportiva, mas não podemos ficar calados diante do que nos parece uma injustiça sem precedentes. A retirada de 24 pontos do nosso querido São Caetano é tirar o mérito das vitórias conquistadas pelos jogadores dentro das quatro linhas e o esforço de quem não tem nada a ver com os presumíveis erros de dirigentes e médicos. Todos queremos ganhar é na bola!

**Joca de Oliveira** (Vila Rica de Ribeirão/PE, Náutico, Botafogo e Santos), **Wilson Vieira** (Náutico, Fortaleza, São Caetano e Grêmio), **Eugênio Kishi** (Náutico e Corinthians), **Humberto Felipe** (Náutico e Vasco), **Chiquinho Olem** (é Triconáutico, isto é, não tem simpatia pelas cores do Sport Club do Recife), **Andréina** (ainda sem clube) e **Aurinha Fraga** (Santa Cruz)\*



**ÚLTIMO RECADO DO ANO**

**BALA U, O PROFETA DA BOCA DO LIXO**

Um astrofísico europeu escreveu um livro onde faz um alerta: ou a humanidade toma cuidado ou a vida no nosso planetinha não passa deste século. No transcorrer dos últimos dias do ano, um maremoto lambeu quase duzentas mil pessoas dos litorais da Índia, Indonésia, Sri Lanka, Somália e outros países vizinhos. Aconselho, portanto, aos nossos poetas, não só um cuidado maior com a criação literária, mas evitem o envolvimento em competições mesquinhas e, principalmente, estabelecer projetos mais consistentes, como a luta pela sustentabilidade do planeta.

Olha, gente, todo mundo sabe disso, mas não custa nadinha de nada a este profeta relembrar: a poesia não faz baixar a taxa de juros do mercado e, como na música, também não fez a “bala parar”. Não limpa lágrima congelada na maquilagem, nem nunca fez o “milagre dos peixes” em rios poluídos; não distribui pães nem fornece o bilhete premiado da loteria; não arranca a tabela de preços dos mercenários nem baixa a pressão dos credores mais ácidos; não lava seu carro nem reduz seu colesterol; não liberta pássaros (quicá homens) nem consegue corroer uma arma sequer do arsenal dos milicosos, porém, “bote fé”, o que traz de alegria e sorrisos nessa moçada que trabalha a poética é um encanto! Noções, métodos, currículos: besteiras! Pra quem vive de pertinho, como eu, bastam as sensibilidades – e os dias se modificam! Passam guerras, relatos de fome, tragédias ao vivo aparecem nos jornais e TVs e, em ocasiões, a vida é melancólica mesmo, se faz tediosa, em solidão; o insensível vem em superlotação, no entanto, os “poetinhas” estão ali: **sempre vivendo a resistência cultural**. É pros poetas, portanto, e pra todos os cidadãos do planeta que envio meu desejo de um Ano Novo de muita esperança. E mais, se Joca e Wilson ainda aceitarem meus humildes comentários neste espaço irresistível que é o PD, em 2005 eu estarei de volta!

\* Para encerrar, mais um provérbio com nova redação: **Quem canta seus males, espaaaanta!**

**Excertos do livro CAIXA DE SAPATOS (Antologia)**

A roldana palitava a boca da cisterna

e o pescoço da luz vestia o poncho do vento.

A saliva das aves movia o motor do riacho.

As enxadas adoeciam o porão.

Abandonar o paraíso, a única forma de não esquecê-lo.

...o mesmo arrecife nas olheiras.

Desnortado, como um cão entre a velocidade

e os carros.

Ao conversar com minha filha, às vezes me dói a responsabilidade de conduzir sua inocência.

**O que fiz cabe numa caixa de sapatos.**

O fato de não ter sido é mais trabalhoso do que a fama.

Diminuindo o risco, reduzimos a possibilidade de nos libertar.

O que o fogo já leu de cartas. É o derradeiro confidente.

Experimento a agressividade nos pequenos gestos, espanco o cigarro até apagar. Meu bem-estar é estar de bem com toda a gente e isso é impossível. Nem em minha família fui unânime.

Passei a vida aprendendo a respeitar teu espaço. Como povoá-lo após tua partida?

**FABRÍCIO CARPINEJAR**  
(jornalista e poeta)

Persiste a noite em se instalar no espaço em que transito atropelam-se os passos na massa escuridão as mãos tateiam o nada circundante cambaleia o corpo lasso, sem repouso estridula o inseto no aconchego da pedra nenhum outro ser jornadaieira mas o pária persiste não desiste caminha no enalço do clarim

**MANOEL CARDOSO**  
in **Translúcido Silêncio**

Em Orobó, até pro cara dar o cu é difícil.

**NECO DE OROBÓ**

**O TRÂNSITO**

Impiedosa trilha do meu dia-a-dia Em nada resulta querer chegar ligeiro À derradeira milha de minha correria

Pois que um me insulta, outro diz arteiro Que se for de ilha a minha fantasia A multa continua, companheiro

**EUNÁPIO MÁRIO**

**ANDARILHO**

Atravessador de séculos rompo a dor no meio das trovoadas.

Reinventada a chave na pedra polida recomponho o encontro.

O sol se põe. A aurora monta os seus cavalos.

E eu, Senhor da solidão, tento recompor a cidade em mim.

**MANOEL CONSTANTINO**  
in **Marginal Recife 2**

**O VAZIO DA MINHA VOZ**

Apenas um domingo, fim de manhã, Mas quanta coisa se deixa para trás. Somente o vazio da minha voz a me perseguir E eu, cada vez mais, me distanciando.

Na nebulosa em que se adiantou a minha alma - Ou o que quer que, em mim, Corresponda a tal fantasia -, Não há espaço a percorrer De volta ao ponto de partida Porque, se bem entendo o mecanismo da vida, Ainda não saí do ponto de partida. Mesmo porque, como eu disse, Não creio, necessariamente, ter uma alma. Alma é coisa para quem merece Ou pretende um julgamento Diante de Deus.

Não creio que os meus atos Sejam suficientemente altos ou baixos Para merecerem um julgamento Da parte de Deus ou de quem o represente.

Não. Diante do espelho da vida mínima Que tenho levado até agora, Jamais me imagino sendo julgado por Deus. Nunca regi multidões; Grandes dinheiros, meus ou de muitas pessoas, Nunca estiveram sob minhas ordens; Nunca estive presente nas grandes decisões Sobre guerras ou sobre qualquer Outro destino da humanidade; Nunca tive o poder de, Com uma simples atitude ou uma simples palavra, Alterar o maniqueísmo diário de qualquer parcela da sociedade...

Se Deus tiver de julgar as pessoas Que já se encontraram, encontram-se E se encontrarão nas situações aqui descritas, Por que, finalmente, olharia para mim? Eu apenas lhe perguntaria: - Se não fui eu quem engendrou tudo isto, Por que ser julgado por uma vida que já encontrei pronta?

Não, eu não quero ter alma – eu não tenho alma. Quero apenas a bruma em que se adiantou a fantasia Que, nos outros, corresponde à alma, Deixando tudo para trás, num final de manhã de domingo, Seguida apenas pelo vazio da minha voz.

**ROQUE BRAZ** – 06JUN04DOM